

## Depois do movimento moderno

### Arquitetura da segunda metade do século XX

Mais um livro de Josep Maria Montaner traduzido ao português já pode ser encontrado nas livrarias brasileiras. Em **Depois do movimento moderno**, lançamento da Gustavo Gili no Brasil, o crítico aborda as interpretações da arquitetura entre os anos de 1945 e 1992, ou seja, como se pensou a arquitetura após a Segunda Guerra Mundial e, consequentemente, após o modernismo; e quais foram os temas essenciais de discussão e em que situações foram produzidas.

18-19 Richard Meier: Casa Douglas, Michigan, 1971-1974.



174

20 Richard Meier: Museu de Artes Decorativas em Frankfurt, 1979-1983.



175

arquitetura que se baseia na expressão da linha formal, na busca de máxima presença da luz natural e na ênfase do protagonismo da transparência em unidades que se abrem permanentemente no entorno do espaço. Entretanto, também apresenta resultados únicos, especialmente em muitos espaços que foram resolvidos a partir de uma complexa mistura de diversas tipologias. Foi o que ocorreu no Museu de Arte em Atlanta (1980-1983), que precedeu a abertura do Museu de Chagall em Nova York e incluiu uma nova versão tipológica e espacial ou no Museu de Artes Decorativas de Frankfurt (1979-1983) onde o conceito foi desenvolvido a partir da repetição de tipos residenciais urbanísticos que criou um labirinto urbano de espaços fragmentados. Na realidade está pensando Spoligo é uma herança do movimento da difusão geométrica proveniente da tipologia "casa de Richard Meier" e não a simples repetição da mesma, este movimento da repetição de uma tipologia "moderna" assinalada, produto de uma sensação agradável, mas ao mesmo tempo com a busca do "além", de onde sempre pode ser esperado sem nenhuma surpresa.

**Do encontro de uma nova abstração formal**

Esta postura arquitetônica provoca uma série de conexões gerais. As duas mais importantes são: a negação da tradição e a negação da biografia. Diferente das propostas de Rossi e Venturi, Eisenman em seus comentários escritos insiste na superação de toda noção de tradição. O que deve ser entendido é a ruptura e a desconstrução histórica, a sensação de entrar em uma nova etapa - o período não clássico. De qualquer maneira, a história é interpretada e utilizada de uma forma muito seletiva e fragmentada. Também discute dois pontos "essenciais" de Rogers, dos Strixhorn, de Borghes, etc. que insistem nas precedentes arquitetônicas, no lugar, na cidade. Agora o contexto urbano é criado como uma experiência aberta, sem condicionantes de tradição, espaço ou tipologia. Cada projeto deve mostrar sua autonomia, contudo, se necessário faz com a lógica do lugar. Trata-se de que Eisenman define como arquitetura utópica, que nega o lugar.

A partir das propostas arquitetônicas de Peter Eisenman e John Hejduk podemos estabelecer que se trata de uma arquitetura baseada essencialmente na síntese. Uma arquitetura onde a forma se baseia em si mesma, e onde o que se expressa preferencialmente é o fato de entender a arquitetura como pensamento lógico. O que sempre leva ao projeto é a manifestação de sua própria estrutura, e a criação de suas próprias estruturas, e a criação de suas próprias estruturas. Não se trata de uma arquitetura nem comunicativa, nem simbólica, nem pragmática, nem funcional sendo de uma arquitetura que segundo os mecanismos da arte conceitual, tenta explicar sistematicamente os processos, ordens e elementos que a constituem. Assim, a distância entre os norte-americanos Eisenman e Venturi não é tão grande como parecia se levantar em uma obra que seu mestre criou em Louis I. Kahn e que chegou a opções opostas - técnica ou comercial, tradição ou tradição - o que eles consideram predominante é a forma.

Como ressaltava Martine Tatu, depois de insistir no sentido de abstração e na busca de precisão que desenvolver os "des-architectes", não podemos deixar de enfatizar que estes espaços o modo e a realidade, no qual Montaner afirma a origem da abstração. Um modo que nos Estados Unidos tem origem distante e recente. Este tipo de arquitetura que pretende não ter nem significado, nem caráter histórico, nega a possibilidade de exercer a atividade crítica. As formas que pretendem justificar-se por si mesmas, que estão distantes dos critérios funcionais, construtivos, significativos, sociais ou históricos, buscam fugir da crítica. Este movimento, baseado na expressão sintética e na reflexão em torno do mundo limitado da geometria, contém outras duas características fundamentais desta corrente: a forte capacidade de renovar a representação arquitetônica. Ela nega uma de suas contribuições mais importantes a esta disciplina. Esta corrente insiste na ruptura do sistema clássico de representação - planta, corte e fachada - e dando continuidade às descobertas das vanguardas - Cubismo, De Stijl, Suprematismo. Contribuíram a explorar nas possibilidades de múltiplas construções. Conforme explicamos no capítulo "A nova abstração formal" na terceira parte deste livro, a tendência histórica desta disposição conceitual formal e que está baseada na representação aberta proposta por Eisenman e Hejduk pode ser compreendida nos anos oitenta, quando uma nova geração de arquitetos influenciados por estas ideias começaram a desenvolver suas obras.

Ao mesmo tempo que os preceitos desta arquitetura se baseiam em uma interpretação da concepção relativizada do espaço - "estética ou cartésiana" - voltam a ser dados as reflexões de Hejduk quando ressalta que o espaço é o maior inimigo de todo o tipo de abstração e como medida periódica de mudanças busca-se estabelecer a representação "Terra e céu" do espaço, com seus objetos, suas estruturas, sua lógica, sua história, sua temporalidade, a individualidade e a representatividade, o lugar para a abstração, a geometria e a representação mental.

19. Josep Maria Montaner: *Depois do movimento moderno*, Gustavo Gili, S. Paulo, 1992. 200 páginas, 18 x 24 cm, capa dura, R\$ 12,90.

20. Josep Maria Montaner: *Depois do movimento moderno*, Gustavo Gili, S. Paulo, 1992. 200 páginas, 18 x 24 cm, capa dura, R\$ 12,90.

Sempre situada entre a história e a crítica, como explica o autor na introdução, a publicação apresenta as propostas que definiriam as novas posturas e ideias na evolução da arquitetura da segunda metade do século XX. E Montaner o realiza de forma didática: um texto denso, recheado de informações, dados, exemplos de projetos e interpretações sobre arquitetos, mas de simples entendimento. Enquanto isso, muitas imagens permeiam as explicações, incluindo fotos atuais, de época, croquis e desenhos técnicos. Todo o livro é em preto e branco, o que aumenta a sensação de um relato analítico de época.

Para mais informações: [imprensa@ggili.com.br](mailto:imprensa@ggili.com.br)

Para melhor organizar as análises, o livro foi dividido em três períodos: de 1945 a 1965, marcando as continuidades e revisões da primeira metade do século; de 1965 a 1977, com a configuração da denominada arquitetura pós-moderna; e de 1977 a 1992, com a dispersão das posturas arquitetônicas, onde analisa trabalhos de arquitetos como Álvaro Siza (Portugal), Rafael Moneo (Espanha), Hans Hollein (Áustria), Frank Gehry (Estados Unidos), Rem Koolhaas (Holanda), Norman Foster (Inglaterra), Renzo Piano (Itália), Jean Nouvel (França) e Santiago Calatrava (Espanha), ao tratar de temas como contextualismo cultural, ecletismo, obras de arte, abstração formal e alta tecnologia.

## O AUTOR

**JOSEP MARIA MONTANER** é arquiteto, catedrático da Escola de Arquitetura de Barcelona (UPC) e diretor do Laboratório de Habitação do Século XX. Colabora assiduamente nos jornais El País e La Vanguardia, e é autor de trinta livros, entre os quais: A modernidade superada, Arquitetura e crítica, As formas do século XX e Museus para o século XX, todos esses publicados pela Gustavo Gili.

## O LIVRO

### DADOS TÉCNICOS



### Depois do movimento moderno

Josep Maria Montaner

22 X 24 X 2 cm

272 páginas

ISBN: 9788584520039

Capa: Brochura

2015